

## **EIXO 5: Política educacional, direitos humanos e diversidade social e cultural**

### **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO DE DIREITOS E CIDADANIA NO QUILOMBO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

**GIVÂNIA MARIA DA SILVA**

**e-mail: [givaniaconceicao@gmail.com](mailto:givaniaconceicao@gmail.com)**

**Comunicação oral**

#### **RESUMO**

Este texto é parte da pesquisa realizada no quilombo de Conceição das Crioulas, localizado no município de Salgueiro/PE, sobre a proposta de educação diferenciada construída naquele território. Com abordagem qualitativa, a pesquisa buscou identificar, por meio de um estudo de caso, quais elementos estavam presentes na proposta de educação que a torna diferenciada. Entre os aspectos da diferenciação está o projeto político pedagógico como instrumento de afirmação de direitos e cidadania, construído com uma metodologia específica, envolvendo a maioria dos moradores (as) para as escolas do território quilombola.

**Palavras - chave:** Educação. Território quilombola. Projeto político pedagógico.

## INTRODUÇÃO

O território quilombola de Conceição das Crioulas, localizado no município de Salgueiro/PE, mantém relação de pertencimento entre si, com bases em algumas características, tais como a unidade em torno da história de fundação da comunidade, a crença e a fé na Santa Padroeira (Nossa Senhora da Conceição), que segundo seus moradores contribuiu para que, ainda no século XVIII, eles (as) se tornassem “donos (as)” formalmente do território por meio de um instrumento particular denominado “documento de compra e venda”, assim como a chegada das seis primeiras negras fundadoras do território quilombola.

Conta a oralidade guardada nas *memórias permanentes* (Araújo, 2008) que a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas foi formada em meados do século XVIII, com a chegada de seis mulheres que fugiam em busca de liberdade. Não há consenso do real local de origem das mulheres, apenas em relação ao número e a alguns nomes que foram recuperados.

As relações no território perpassam questões como a origem da comunidade, a força e a presença das mulheres, o desejo de liberdade, etc. Ao mesmo tempo, o impedimento de viver em liberdade em função do regime vigente, a escravidão e a aproximação do povo quilombola com os indígenas da etnia Atikum na região são alguns dos elementos que estiveram presentes na análise dos dados.

Porém, foi por meio do projeto político pedagógico que abrange todas as escolas inseridas no território quilombola de Conceição das Crioulas, somando um total de quatro escolas que oferecem do ensino infantil ao ensino médio e está estruturado a partir de sete eixos, que o território ganhou novas dinâmicas.

Elaborado com a participação da comunidade, o projeto político pedagógico do território quilombola (PPPTQ)<sup>1</sup> estabelece as diretrizes para a educação do território e do entorno, uma vez que as escolas também abrangem outras fronteiras territoriais e étnicas (povo indígena), e, ainda, o quilombo faz divisa com três municípios, dos quais recebem alunos(as). A metodologia de elaboração do PPPTQ, construída e vivenciada

---

<sup>1</sup>Projeto político pedagógico do território quilombola de Conceição das Crioulas.

pelo território de Conceição das Crioulas, consegue, ao mesmo tempo, manter a diversidade cultural específica dos quilombolas, dos não quilombolas que acessam a escola e dos que, pela relação de parentesco com os índios, têm sua identidade forjada a partir dos dois grupos tradicionais, índios e quilombolas. Segundo Bhabha (2010, p. 63), “a cultura só emerge como um problema ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças, nações”. A mediação entre as características culturais particulares de quilombolas e indígenas também acontece por meio da educação e parte inicialmente da articulação e construção do projeto político pedagógico e do que se define como eixos estruturadores, interagindo e interligando-os, tornando-os presentes no fazer da educação, portanto, no currículo. Essa experiência de educação na comunidade ultrapassa as fronteiras do pedagógico e se estende à construção identitária e territorial.

### **1. O projeto político pedagógico e a relação com o dia a dia do quilombo de Conceição das Crioulas**

Estruturado a partir de sete eixos, o PPPTQ apresenta o que seus moradores, entendem ser importante para as escolas, somando-se ao que previamente já está estabelecido pelo sistema de ensino brasileiro para a educação básica como base curricular comum. Nesse sentido, o PPPTQ não é um instrumento apenas de estruturação das ações dentro da escola, mas, sobretudo, da vida das pessoas que ali residem. Eixo 1:

Território [porque o território é fundamental para Conceição das Crioulas, terra, territorialidade, ocupação tradicional, processos de luta pelo território, limites, fronteiras, regularização fundiária, gestão territorial, pontos históricos]. (PPPTQ).

Iniciamos pelo que descreve o Eixo 1 do PPPTQ, que retrata os sentidos de terra, diferenciando-a de território. Faz ainda uma definição de ocupação tradicional. Ambos carregam significados semelhantes, e não iguais. A própria definição abarca outras políticas públicas e conceitos. Um primeiro é o conceito de “ocupação tradicional”.

Tanto a definição dada por Conceição das Crioulas para o que vem a ser território e ocupação tradicional quanto o conceito definido pelo Estado nos remete, portanto, a uma ampliação do conceito de território naquele local. Trabalhar esses

conceitos como conteúdos programáticos em sala de aula significa ir além das fronteiras e abrangências de uma escola, se esta não estiver seu currículo comprometido com outros conteúdos e lógicas, já que esses conceitos avocam um conjunto de políticas públicas e entendimentos não apenas na área de educação, mas que também interferem diretamente na educação.

Para Little (2002, p. 4), “a cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele”. Nesse sentido, ter o território como um dos eixos que estrutura o projeto político pedagógico faz com que o território não seja visto, analisado e debatido apenas do ponto de vista físico – seu tamanho, sua localização geográfica, seus relevos, sua relação com as fronteiras de outros municípios, mas esse olhar passa pelos significados que ele adquire por meio das construções identitárias constituídas.

O sentido do território, nessa perspectiva, parece ir muito além dos usos para as atividades de sobrevivência e vivência da comunidade. Ele reúne e estrutura, um conjunto de lutas da comunidade a ele associado. Fazer com que a escola estude o dia a dia desse território é fazer um currículo vivo, pois é ali que a vida acontece. Para uma educadora e gestora quilombola, a escola busca fazer com que a comunidade se faça presente no cotidiano escolar por meio do seu PPPTQ e afirma:

temos tentado de certa forma, sair um pouco das caixas feitas [...] e construir um PPP que está sendo construído de forma coletiva, ouvindo as comunidades, ouvindo as lideranças, o que é que elas pensam para o presente da educação, mas também para o futuro, e aí, esse diálogo acontece de forma coletiva e em parceria com a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC). (Entrevista realizada em 13 de novembro 2011).

Nesse caso, a escola não é dissociada do território e de suas entidades representativas, ao contrário, eles complementam-se, permitindo que a comunidade escolar comece por entender a si mesma e some esse conhecimento com o que a base curricular comum apresenta. E foi por meio desse eixo que acompanhamos uma pesquisa realizada no território com um público de 360 moradores (as), estudantes e/ou lideranças. A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC, organização representativa e as escolas do território organizaram essa pesquisa com o objetivo de colher de seus moradores(as) opiniões em relação à gestão do território, compreendendo que esta não é dissociada da gestão escolar, ambas se completam. Uma das perguntas,

no decorrer dessa observação, era: como dialogar com pessoas de perspectivas, idades, gerações tão diferentes? A resposta que nos veio foi: só é possível se estes tiverem objetivos, identidades e sonhos comuns. Os dados coletados nessa pesquisa, segundo sua organização, servirão para as lideranças tomarem decisões a respeito do território, de forma dialogada com uma parcela significativa de sua população e nos asseguram o poder que a escola tem na vida de um povo. Eixo: 2

História [porque a história é um eixo, qual a importância, origem, resistência, pessoas importantes que fizeram e as que fazem à história, as lutas do passado e do presente, a versão de Conceição sobre a sua história, as guerras (Urias e Farias), histórias contadas pela comunidade (mitos como Barnabé, as seis mulheres, Francisco José, mãe Magá, Agostinha Cabocla, etc.]. (PPPQT).

Aqui, a escola reconstrói a história de luta e a defesa do território. Nele, as várias formas de organizar e contar a história se fazem presentes. Apresenta ainda suas referências, levando para o cotidiano escolar outra imagem de negro(a). Imagem positiva, de quem lutou e venceu. Contar a história a partir de referenciais positivos da comunidade negra foge da lógica da historiografia oficial e dos materiais didáticos disponibilizados, do senso comum da sociedade em relação à população negra brasileira, em que negros(as) sempre aparecem na condição de escravos ou escravizados. Segundo Leite (2010),

O próprio nome de Conceição das Crioulas está ligado ao mito da origem. Contam que enquanto trabalhavam na cultura do algodão, as crioulas fizeram uma promessa: se um dia conseguissem comprar as terras que ocupavam, ergueriam uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Com o resultado do seu trabalho e a “ajuda da santa”, o sonho tornou-se realidade e as crioulas construíram a capela, dando origem ao nome da comunidade. Inscreve-se, pois, nas raízes do nome da comunidade uma homenagem à padroeira e às próprias crioulas. “Essas histórias, elaboradas a partir da memória oral, são de fundamental importância na construção da identidade dos ‘quilombolas’, habitantes de Conceição das Crioulas”. (LEITE, 2010, p. 64-65).

A história contada é afirmativa e positiva e leva à superação dos problemas enfrentados pela comunidade negra brasileira à época, pois na oralidade da comunidade aponta-se que em 1802 as crioulas já se tornavam donas de um pedaço de terra, simbolizado por uma promessa a Nossa Senhora. Pouco se fala no período da escravidão. Fala-se em mulheres autônomas, território conquistado, guerras para defender esse espaço etc. Essa é outra forma de contar a história e tem raízes no sonho de liberdade de um grupo. Assim, ao se encontrarem (crianças, jovens e adultos) com

sua história e com os personagens nela inseridos, encontram-se com a identidade enquanto grupo. A história da comunidade tem sentido, e por isso é vivida por dentro da escola, não como uma peça solta no jogo, mas como parte do todo do jogo. Uma jovem quilombola entrevistada, afirma:

Se a gente não fizer essa discussão, com o tempo o meu filho não vai saber nada do que existia, do conhecimento que os mais velhos tinham e que é importante. É *importante* ser repassado. É importante que não seja esquecido! É importante que seja lembrado não só por conta da questão da educação. Porque muito desses conhecimentos, eles podem ter, ser trazidos pra prática pelos de hoje como fonte de geração de renda. (Entrevista realizada em 31 de agosto de 2011).

Percebe-se a preocupação com a manutenção da história de geração em geração, pois nela estão contidos saberes que são repassados por meio da oralidade. A história não é contada apenas para lembrar como fato histórico, mas para transmitir conhecimento, inclusive na perspectiva da geração de renda para seus moradores(as). Como outro exemplo, tem-se as bonecas de caroá,<sup>2</sup> que contam a história da liderança das mulheres e a importância para a organização social da comunidade ao mesmo tempo em que geram trabalho e renda. É nesse momento que se encontram os saberes compondo um repertório de “novos conhecimentos” até então desconhecidos pela escola. É um momento de troca de saberes, pois nem sempre é feito pelos(as) professores(as), e sim, pelas lideranças quilombolas. É uma forma de socialização do conhecimento tradicional entre gerações. Eixo 3:

Organização [a importância da organização no processo de organização étnica, do ser quilombola, de se organizar para conquistar os direitos, através das associações, movimentos, mutirões, grupos de jovens, etc.; processos e modos de lutas coletivas, lideranças, pessoas mais velhas]. (PPPQT).

O diálogo aqui é estabelecido com os processos de organização da comunidade de Conceição das Crioulas, suas lutas e suas estruturas organizacionais, considerando, inclusive, a formação da comunidade e os mecanismos por ela utilizados para assegurar direitos. Construir por meio/em/na/com as escolas do território as formas de luta e o reconhecimento de que a luta não é tarefa de uns e umas, e sim de todos. Para Little (2002, p. 4) “analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trata do contexto específico em que surgiu e dos contextos em

---

<sup>2</sup> Bromélia originária da região semiárida, cuja fibra é utilizada para fabricar peças artesanais.

que foi defendido e/ou reafirmado”. A(s) escola(s) quilombola(s) ou que atende a alunos(as) precisa conhecer os contextos em que os quilombos foram formados, seu presente e passado, e os contextos que afetam a vida dos sujeitos, os quilombolas, não sendo restrito apenas a estes. E só a interação entre eles, mesmo que não tenham frequentado a escola em muitos casos, pode suprir parte das lacunas existentes na sua formação, pois o currículo oferecido na escola, seja da educação básica, seja da superior, não incluiu como algo importante a ser estudado a história do povo negro brasileiro. Nesse sentido, observa Leite (2010)

A história da comunidade é contada a partir da memória oral de seus habitantes, segundo a qual foi “no tempo dos reis” que chegaram à região alguns negros(as), vindos de Alagoas, possivelmente fugindo da escravidão. Esse grupo de negros(as) – embora na memória de seus descendentes apenas as negras tenham se destacado na fundação da comunidade, ficando conhecidas como as “seis crioulas” – se estabeleceram no sopé da Serra Umã, hoje Serra das Crioulas. Segundo a tradição oral, por volta do final do século XVIII, as seis crioulas teriam arrendado “três léguas em quadro”, de terras, aos “representantes do rei”. O pagamento seria resultante do próprio trabalho dessas mulheres. (LEITE, 2010, p. 64)

Portanto, o recurso mais eficiente para essa questão é a história oral. A oralidade se transforma em material a ser conhecido e estudado. Por não estarem escritos esses conhecimentos, são feitos pelo contato direto com as pessoas que eles podem ser socializados e apreendidos. Segundo Araújo (2008),

Vale pontuar que a *Memória Permanente* de Conceição das Crioulas é um fator significativo da construção da própria identidade local, não é um dado isolado. O pertencimento à Comunidade de Conceição das Crioulas é compreendido enquanto descendência das primeiras *Crioulas*, e a continuidade da luta de *Agostinha* e outros(as) que nos anos de 1930 a 1980, traziam consigo a resistência histórica do povo negro. (ARAÚJO, 2008, p. 76)

Ou seja, é por meio da *memória permanente* que os saberes e conhecimentos não escritos vão se consolidando e fortalecendo esse pertencimento às primeiras crioulas. Encontrar com essa nova história e com esses contextos de forma positiva é construir uma identidade quilombola, interior e exterior, positiva e não apenas a imagem de negros escravos ou escravizados. Eixos 4 e 7 estão:

Identidade [as relações de parentesco (irmão/ã de luta), relações familiares, a relação Atikum – Crioula, identidade quilombola (social, política e jurídica), identidade negra, identidade indígena, cultura material e simbólica (artesanato)].

Interculturalidade [para nós, o primeiro diálogo intercultural se dá no diálogo entre a escola e os saberes da Comunidade. E também a importância da escola acessar não só os conhecimentos da comunidade, mas os ditos “conteúdos universais”. Além do conhecimento e diálogo com diversas outras culturas tradicionais. Na intenção de formar crianças e jovens capazes de respeitar e conviver com a diferença, com esse mundo plural. (PPPTQ).

Se para a perspectiva de Hall (2009, p. 34) “a identidade não algo rígido e estático”, podendo, assim, ser híbrida, no território de Conceição das Crioulas, a junção quilombola e indígena é o testemunho desse hibridismo. Para Bhabha (2010, p. 107), “a cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como contraditória”. E nessa perspectiva, juntar esse dois elementos e deles fazer o ponto de partida para a educação de uma comunidade, com características tão diversas, ao mesmo tempo vivendo as contradições internas e externas, tem apontado para outras possibilidades de se fazer educação. Com isso, a comunidade entende que o PPPQT deve construir espaços que permitam a compreensão dos dois povos (indígena e quilombola), que ora se confundem entre eles próprios, e mais – partilhar com os não índios e não quilombolas seus espaços educacionais é, na verdade, a vivência da interculturalidade por meio de parentesco ou não, a construção de novos conhecimentos e a socialização de saberes, que ora são oriundos e adquiridos na escola, ora não.

É por esse entrelaçamento cultural que resolvemos discutir os eixos 4 e 7 do PPPTQ, por entendermos que eles se completam, já que as bases destes são a afirmação da identidade e da cultura dos quilombolas e como elas se relacionam com as do povo indígena Atikum e com as dos demais vizinhos.

Contar a história quilombola é contar uma história de alianças, e por mais que o Estado brasileiro não as compreenda e as trate de forma isolada, como se elas nunca tivessem se encontrado, na realidade de Conceição das Crioulas isso fica no abstrato, pois, na prática, elas convivem em muitos momentos no mesmo lugar, carregam os mesmo símbolos, como a Festa de Nossa Senhora da Conceição, o calendário escolar diferenciado construído pelas escolas quilombolas e também vivenciado pelas escolas indígenas em função da “Festa e devoção a Nossa Senhora”, momento comum a índios e quilombolas, os casamentos cruzados, os espaços de colheitas e as formas de fazê-las, entre outros. Qual é o limite desse pertencimento? Segundo Araújo (2008)

A constituição de uma identidade não se trata de um processo dado, ele vai sendo construído com o decorrer das demandas colocadas perante uma Comunidade em determinado tempo histórico. Da mesma forma, o processo



de construção e afirmação de direitos passa, necessariamente, por uma conjuntura social, econômica, política e cultural de uma sociedade. (ARAÚJO, 2008, p. 90)

As lutas por direitos escritos e não práticos também são parte desse contexto. Portanto, as escolas não poderiam falar da história local sem reconhecer esses fatores, senão estariam, com isso, repetindo a ordem da história oficial, que silenciou por séculos a história das comunidades quilombolas. Vale lembrar que os dois grupos – quilombolas e indígenas –, defendem que a educação seja efetivada e conduzida por seu próprio povo – professores(as), gestores(as). A questão aqui levantada, embora seja importante para se pensar as políticas educacionais específicas, não será aprofundada neste texto por não ser o foco da nossa pesquisa. Porém, reconhecemos a relevância de ser discutida tal concepção a fim de encontrar os argumentos que a sustentem.

O eixo 5 traz para o currículo, um debate nacionalizado e pouco vivido pela escola que são as questões ambientais.

Meio ambiente [todas as outras coisas derivam do nosso cuidado com o meio ambiente e da importância que ele tem para nós quilombolas, como a agricultura, o diálogo com a agroecologia, saúde, medicina tradicional, água, saneamento, demais recursos naturais, sustentabilidade, trabalho, geração de renda, tecnologias tradicionais (no sentido dos bons saberes) e inovadas/alternativas]. (PPPTQ).

Nesse indicador, reside talvez uma das questões mais importantes, tanto para as comunidades quilombolas e povos indígenas quanto para os demais povos e comunidades tradicionais e para o mundo contemporâneo, que é a noção de meio ambiente. Para as comunidades quilombolas, o meio ambiente é compreendido como espaço que guarda, por diversos aspectos, leis e regimes próprios, não escritos, porém observados.

Esses são temas ainda invisíveis nas salas de aula e, principalmente, na política de formação de professores(as), deixam uma lacuna importante, pois tais assuntos fazem parte do cotidiano da vida desses povos. A noção de meio ambiente para esses grupos não exclui a vida humana, pelo contrário – é o ser humano que pode cuidar do meio ambiente ou destruí-lo. Pelo menos no Brasil, a maioria dos exemplos em que há “sobreposição de interesses” envolvendo as comunidades quilombolas e o Estado, há a alegação da “incompatibilidade entre o humano e meio ambiente”. As comunidades, para defenderem sua permanência, usam como argumento a destruição do meio

ambiente por parte daqueles(as) que enxergam nele o símbolo do capitalismo. Para a perspectiva da educação aqui apontada, não é contraditório a escola pensar o meio ambiente no qual está inserida, aliás, isso significa atuar em seu chão.

E, ao chegarmos ao eixo 6, deparamo-nos com um dos temas mais debatidos pela comunidade de Conceição das Crioulas, que são as questões de gênero.

Gênero [está completamente articulado a origem de Conceição, a visibilidade e o protagonismo das mulheres na nossa história e na construção da nossa identidade. O Brasil é um país machista e patriarcal e em Conceição as mulheres sempre assumiram um papel de liderança, mesmo no contexto Brasil-sertão e até os dias de hoje. Na nossa organização social e política há sempre uma predominância das mulheres. Na nossa cultura, as mulheres têm um papel fundamental na condução das lutas do quilombo. [a participação política das mulheres]. A força das mulheres está sempre levantando outras mulheres lutadoras que nascem, se criam inspiradas na história das mulheres do passado e do presente. Alguns exemplos: a história da Paula, da Vila União, da construção da Casa da Comunidade, etc. Contudo, a dimensão de gênero para nós não se resume a discutir as mulheres e suas demandas, mas também o papel dos homens, seu lugar na nossa sociedade e na nossa história. Reconhecemos que os homens também tem suas demandas e ambos precisam se respeitar, se cuidar. (PPPTQ).

O indicador gênero aborda as questões mais presentes na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, que são: o papel e o protagonismo das mulheres, a começar pelo próprio nome da comunidade, que envolve duas categorias femininas (Nossa Senhora da Conceição e as crioulas), as práticas de machismo na comunidade e no Brasil, as formas de visualizar o trabalho e as lutas de mulheres, não apenas quilombolas, mas de forma em geral, e como isso pode fazer parte do currículo escolar. No território de Conceição das Crioulas, as mulheres têm papéis preponderantes no que diz respeito à manutenção da história da comunidade, na geração de trabalho e renda e, principalmente, na afirmação da identidade quilombola.

A comunidade, ao se envolver em todo o processo de construção da educação está ao mesmo tempo interferindo no destino dela. Assim, a educação passa a ter uma territorialidade desenhada e gestada pelos próprios quilombolas, por meio da participação, que é entendida como direito, ligado ou não à educação formal. O ponto central é o território. Sob ele, as demais questões vão se aglutinando na busca de manter as relações existentes na comunidade dentro dela própria e no seu entorno, de maneira especial (quilombolas e indígenas).

Ao nos reportamos ao projeto político pedagógico construído pela comunidade para atender a abrangência no território de Conceição das Crioulas e fora dessa fronteira, encontramos a palavra educação com dois conceitos ou entendida de duas

formas: “Nossa Educação Quilombola”, compreendida por: a) a educação no quilombo; b) espaços educativos; c) os agentes da educação; d) o jeito próprio de ensinar e aprender; e e) quem é a criança e a juventude crioula.

Aqui, entende-se como “Nossa Educação Quilombola”, o jeito de fazer, contar, recontar, transmitir a história da comunidade, seus valores, costumes, crenças. Fazem parte de conceito também as formas de organização da comunidade, os processos educativos, as lutas para acessar direitos. Tudo isso é visto como a base de sustentação do ensino formal que acontece na “Nossa Educação Escolar Quilombola” como sendo: a) história da educação no quilombo de Conceição das Crioulas e no Brasil; b) a luta pela educação específica e intercultural com destaque para o calendário diferenciado; c) os movimentos; d) os encontros, os projetos, as parcerias; e e) a luta pelo marco legal.

No caso da “Nossa Educação Escolar Quilombola”, é a conexão da educação formal com a educação não formal. São os saberes locais dialogando com os saberes oriundos das ciências, tidas como “conhecimentos válidos”. Assim, a educação entendida pelo PPPTQ abarca as dimensões políticas, pedagógicas, identitárias e organizativas da comunidade de Conceição das Crioulas e, por isso, “Nossa Educação Quilombola” e “Nossa Educação Escolar Quilombola”, assim denominadas no PPPTQ, não se excluem, ao contrário, uma sustenta a outra. Os conceitos aqui apresentados têm como referência principal a Carta de Princípio da Educação Quilombola,<sup>3</sup> elaborada pela Comissão Estadual de Quilombos de Pernambuco,<sup>4</sup> núcleo de educação para orientar a educação nas comunidades quilombolas do Estado.

Conclui-se, portanto, que essas duas concepções de educação norteiam e estruturam por meio dos sete eixos o projeto político pedagógico do território de Conceição das Crioulas.

A metodologia de construção do projeto político pedagógico do território de Conceição das Crioulas diferencia-se por envolver todos(as) os(as) que residem nesse território. São chamados(as) a se manifestar sobre o destino da escola e da comunidade, independentemente do seu pertencimento étnico. As definições de “Nossa Educação Quilombola” e de “Nossa Educação Escolar Quilombola” se apresentam como a ligação entre as práticas educativas da comunidade e a educação formal, apostando na possibilidade de romper com um modelo de currículo estabelecido, que não permite

---

<sup>3</sup> Documento construído pelos quilombolas de Pernambuco por meio da Comissão Estadual dos quilombos, para orientar a educação nas comunidades quilombolas.

<sup>4</sup> Organização representativa dos quilombos de Pernambuco.

incluir a história, a vida cotidiana e do protagonismo dos quilombolas, transformando-os muitas vezes em “presentes ausentes” nos currículos escolares brasileiros. Segundo afirmação da educadora e gestora quilombola:

O PPP no território de Conceição das Crioulas não é uma obra de poucos e sim uma construção coletiva de forma a transformar o currículo em vida e não em uma letra morta. (Entrevista realizada em 13 de novembro de 2011).

E o que vem a ser um currículo vivo, conforme apresenta a educadora? Estaria ela falando na perspectiva de um currículo integrado? Para Santomé (1998, p. 29) “um sistema educacional é criado e modificado com propósito de contribuir com a capacitação de meninos e meninas para assumir responsabilidades e para poderem ser pessoas autônomas, solidárias e democráticas”.

Pelos depoimentos de lideranças, professores(as) e alunos(as) escutados no decorrer da pesquisa, nos materiais produzidos pela comunidade e acessados como estratégia de coleta de dados, inclusive o PPPTQ, a noção de currículo apresentada permite a inclusão de outros conhecimentos e de saberes importantes para a manutenção da organização do grupo.

Estariam, portanto, os(as) professores(as), lideranças de Conceição das Crioulas, alterando um sistema educacional para dar lugar a essa liberdade tão anunciada e desejada desde a fundação daquele território pelas primeiras mulheres? Ainda na entrevista, uma educadora busca refletir sobre o presente e pensar o futuro do território dentro e fora da escola:

Na minha concepção, enquanto uma das agentes desse processo de educação em Conceição das Crioulas, o que eu percebo ao dialogar com outras experiências de educação, o que torna diferente é uma certa autonomia que a gente tem, adquiriu. É essa interação que a gente tem com a comunidade. A gente procura, na medida do possível, estar fazendo com que a voz da comunidade seja ouvida e anunciada dentro da escola. Nem sempre é possível, mas é o que a gente tem tentado fazer! (Entrevista realizada em 13 de novembro de 2011).

É possível nessa fala identificar alguns elementos significativos que apontam para uma concepção de educação que aparece nos descritores do PPPTQ na comunidade e com a comunidade vem encontrando formas de externar sua voz, partilhar seus saberes, valorizar seus conhecimentos, aspectos que retornam para seus membros como afirmação, construção de identidade e de pertença ao território.

O desejo de partilhar e somar saberes aparece de forma explícita na fala de uma das líderes. Segundo ela, o conhecimento na comunidade de Conceição das Crioulas passa pela escola, ou pela “Nossa Educação Escolar Quilombola”, mas também pelas atividades fora escola por meio de “Nossa Educação Quilombola”. Para ela,

Essa diferença, a gente só poderia no lugar mais completo que a gente tinha pra estar se formando essa diferença era dentro da escola. Era dentro da escola, porque a maior parte dos alunos que estavam na escola. E a gente tendo essa formação na escola, que era o conhecimento que eu acho, assim, que a gente tem muito essa coisa aqui na comunidade, que é de juntar o movimento social com as outras questões que a gente tem. Então, eu aprendo um pouco na reunião e aprendo um pouco dentro da escola. (Entrevista realizada em 20 de agosto de 2011).

Não há como delimitar onde começa uma e termina a outra. Elas acontecem paralelamente, complementando-se e sustentando-se. “Nossa Educação Quilombola” organiza e subsidia “Nossa Educação Escolar Quilombola”. Segundo Santomé (1998, p. 28), “a escola deve fazer com que meninos e meninas possam reconstruir a experiência e o conhecimento característicos de sua comunidade”.

A sintonia dos conceitos de “Nossa Educação Quilombola” com a “Nossa Educação Escolar Quilombola”, definidas assim no PPPTQ do território quilombola de Conceição das Crioulas é o meio de fazer com que as pessoas possam ter acesso aos “conhecimentos universais” e aos conhecimentos locais, culturais e ancestrais como parte da construção identitária de seu grupo. Fortalecem, então, não só a identidade enquanto grupo, mas, sobretudo, a organização sociopolítica e o desenvolvimento do território. É com esse olhar que a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas vem construindo uma proposta de educação até então por eles próprios definida como diferenciada, cujo projeto político pedagógico é um instrumento de afirmação de direitos e por onde se vivencia cidadania.

## **CONCLUSÕES**

Não restam dúvidas das dificuldades enfrentadas para se implementar uma proposta de educação que se propõe a romper com questões tão emblemáticas como as desigualdades raciais, de gênero, autonomia, participação, dicotomia urbano e rural e emancipação de uma comunidade quilombola, pois as disputas de poder estabelecidas não passam apenas pelas questões que envolvem as terras em uma comunidade, mas passam também no campo das ideias.

No entanto, não é comum uma comunidade, reunir tantas bandeiras, conectá-las quase que em absoluto com a vida das pessoas e envolvê-las de forma tão intensa. Outro componente aliado que vem contribuindo com autoestima da juventude e aproximando os jovens das discussões do território e das lutas são os esportes, cuja participação conta com a presença de homens e mulheres, e tem levado a comunidade a se destacar, não apenas na região, mas também em nível do estado de Pernambuco, além dos aspectos festivos que a comunidade vivencia e tem animado muitos momentos na cultura local, como a banca de pífano, uma das referências culturais da comunidade, e a dança do trancelim<sup>5</sup> muitas vezes feitas para animar os novenários e até mesmo esconder o cansaço das mulheres que trabalhavam o dia inteiro, ora nas atividades da roça ou nas lidas de casa.

Tudo isso faz parte dos conteúdos programáticos das escolas, dentro do que a comunidade, por meio do conceito da “Nossa Educação Quilombola”, faz com que as crianças desde cedo tenham contato com sua história, suas raízes e seu meio. Cada passo dado é sinônimo de uma vitória que se obtém. E só é possível acontecer nesse ou em qualquer grupo quando se tem consciência de si e do seu meio.

Uma questão relevante é que dos 40 professores (as) em atividades de sala de aula e/ou gestão, apenas sete são homens, reafirmando o poder das mulheres que representam 82,5% desse total. No que se refere à graduação superior e à especialização dos(as) professores(as), 62,5% possuem graduação superior e/ou especialização e 37,5% estão cursando a graduação, o que representa um avanço significativo, dadas as condições vividas pela comunidade de Conceição das Crioulas; com relação à distância das universidades públicas e à formação (tanto graduação como pós), todas ocorreram conciliando trabalho e estudo e em faculdades particulares; na diversificação dos cursos, há uma concentração em Pedagogia e Letras, por terem sido os cursos oferecidos por um bom período nas faculdades locais e só nos últimos anos novos cursos terem sido implantados.

Aqui, levanta-se um conjunto de questões que estão diretamente ligadas à escola: formação de professores(as), a valorização da cultura quilombola, a rotatividades dos(as) professores(as) e a relação com a comunidade.

---

<sup>5</sup> Dança típica da comunidade de Conceição das Crioulas, dançada antes quase que só por mulheres, hoje, dançada por todos(as) e também de todas as gerações ao final de celebrações, novenas, festas, seminários, apresentações etc. O nome trancelim, deriva da forma como é dançada: forma de zingue-zague, e sempre é acompanhada pela banda de pífano ou por outra música que embale os passos.

Uma das defesas e crenças da comunidade externada em vários momentos da pesquisa, seja pela fala, seja por materiais produzidos, como diferença na proposta são os(as) professores(as) serem da comunidade, ligados etnicamente e politicamente aos interesses da educação e do território. Essa é uma crença da comunidade e um valor da proposta de educação diferenciada: os professores(as), gestores(as) são do território de Conceição das Crioulas.

Uma outra questão relevante a ser refletida é como fazer com que os conhecimentos adquiridos pelos alunos(as) na comunidade, por meio dessa proposta, não se fragmentem ao saírem da modalidade de ensino existente na comunidade (até ensino médio). Essa questão nos remete a pensar que papel a formação de professores(as) exerce diante do que foi apontado como desafios pelos professores(as) de Conceição das Crioulas. Muitas questões apresentadas pelos(as) professores(as) e lideranças ainda não têm respostas prontas, e em grande parte são relacionadas ao currículo imaginado e vivido em Conceição das Crioulas e à formação de professores(as) enquanto política pública para atender às especificidades das comunidades quilombolas e de outros grupos étnicos, rompendo com a invisibilidade perante a produção do conhecimento. Para Apple (2006),

para entendermos por que o conhecimento pertencente apenas a determinados grupos tem sido representado em primeiro plano nas escolas, precisamos conhecer os interesses sociais que frequentemente guiaram a seleção do currículo e sua organização. (APPLE, 2006, p. 103).

A luta para quebrar, romper ou pelos menos corroer essa lógica posta e construir um currículo menos distante tem se dado em Conceição das Crioulas por meio de várias alternativas demonstradas neste texto. Contudo, a superação das dificuldades ou mesmo ineficiência da escola, como materiais didáticos estranhos aos interesses da comunidade, a formação e outros fatores que mesmo não estando ligados diretamente à educação acabam por afetá-la ainda precisam ser resolvidos.

Por isso, é necessário discutir como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola podem articular outras ações governamentais. E mais: como fazer com que essas diretrizes atendam aos reais objetivos e às especificidades da educação quilombola, rompendo com tudo isso, para sair do plano abstrato?

A partir da experiência de educação em desenvolvimento na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, é possível concluir que, mesmo com muitas dificuldades vencidas e a vencer, é possível a escola assumir outro lugar na vida da

comunidade na qual ela está inserida. O lugar da escuta/fala, da vivência prática a partir dos problemas e interesses da comunidade, do não estranhamento aos problemas dos “sujeitos da sua ação concretos” – alunos (as) e comunidade em geral – com passos mais sintonizados e planejados. A soma de tudo isso pode trazer respostas que podem afetar positivamente a vida das pessoas que ali vivem. Talvez seja a função mais importante do projeto político pedagógico seja a de sistematizar e socializar as ações educacionais em consonância com os anseios e sonhos dos sujeitos que dele fazem parte.

## REFERÊNCIAS

- APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. Tradução Vinícius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ARAÚJO, E. F. A. **Agostinha Cabocla: por três léguas em quadra – a temática quilombola na perspectiva global-local**. 2008. 217f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2008.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Mirian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 394 p.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- LEITE, M. J. dos S. Conceição das Crioulas: terra, mulher e política. **Sankofa Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, ano III, n. 6, 2010.
- LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Brasília: Departamento de Antropologia, 2002. (Série Antropologia n. 174).
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1998.